

**IDEIAS EUROPEIAS NOS TRÓPICOS: ALICE AZEDO PIMENTA
E O COMUNISMO**

Ricardo Japiassu Simões

(Organização)

Lettícia Maria Beltrão Pereira

Pedro Leal Miranda

Gustavo Watts

Mariana Nolêto Wanderley

Recife, maio de 2014

AS CRÔNICAS DE ALICE AZEDO PIMENTA E O COMUNISMO

LETÍCIA MARIA BELTRÃO PEREIRA

1. Introdução:

1.1 Ensaio Crítico:

O presente ensaio se apresenta como fecho de um árduo trabalho de pesquisa, com orientação do professor Doutor Ricardo Japiassu Simões e incentivo da Faculdade Damas da Instrução Cristã. O projeto de pesquisa, sob o título, *Ideias europeias nos Trópicos: Alice Azedo Pimenta e o Comunismo*, e subtítulo, *As crônicas de Alice Azedo Pimenta e o Comunismo*, teve como principal finalidade resgatar os escritos de Alice Azedo Pimenta e familiares, além de tornar público obras de pensadores com ideologias tão importantes para o cenário das Relações Internacionais, como o comunismo e o feminismo que marcaram a primeira metade do século XX no Brasil e em todo o mundo.

Em meio ao vasto campo de escritores masculinos, se levanta a voz da grande feminista Alice Azedo Pimenta. Ao contrário do que se lia em revistas e periódicos nos anos de 1920 e 1930, a autora que era uma mulher altamente engajada na alçada comunista, lutava pela classe proletária da época e defendia a ideologia comunista, através da importação dos ideais advindos da Europa, sobretudo da Revolução Russa, de 1917.

Alice Azedo Pimenta, filha de um renomado médico baiano, o cardiologista, Raul Azedo, desde cedo e enveredou pela alçada comunista através do campo jornalístico. Constituiu família com o cearense Joaquim Pimenta, também escritor de raiz proletária, deputado federal, advogado e ferrenho crítico de Gilberto Freyre. Teve quatro filhos, firmou residência no Recife por um bom tempo, e desenvolveu as primeiras ideias atreladas ao comunismo, feminismo e proletariado impregnados na sociedade recifense da época.

A comunista, que muito se utilizou do pseudônimo de Dorina, hábito altamente comum no século XX, para poder expressar sentimentos sem ser marginalizada nem

vista com maus olhos pela sociedade da época, sobretudo, na seara masculina. Escreveu também diversas crônicas, narrando acontecimentos importantes tanto fora quanto dentro do país, fatos estes deveras importantes para o cenário das Relações Internacionais.

A presente pesquisa foi dividida em duas partes, sendo a primeira atuada no campo, ou seja, na Biblioteca Estadual de Pernambuco e Faculdade de Direito do Recife, onde se encontra disponível para leitura, *O Tacapé*, jornal que contém os escritos de Alice Azedo Pimenta. Na Fundação Getúlio Vargas, encontramos algumas fotos, documentos e registros da família Azedo Pimenta, e, tivemos também a oportunidade de realizar uma entrevista com a escritora Luzilá Gonçalves Ferreira, à qual muito me enriqueceu com conhecimento intelectual sobre as feministas brasileiras.

Ainda na primeira parte, fiquei responsável pela transcrição dos textos de Alice Pimenta, adequando ao português vigente e sendo totalmente fiel aos escritos. Depois, de totalmente munida do material, dei início as leituras das teorias das Relações Internacionais nas quais os textos de Alice eram fundamentados, através do marxismo e feminismo, por exemplo.

Posteriormente me adentrei na leitura da obra, *O Moleque Ricardo*, de José Lins do Rêgo, que traz à tona as questões do proletariado urbano, e Alice Pimenta, como uma de suas personagens de destaque. E aqui, finalizo a pesquisa, com a entrega do ensaio científico, depois de meses de intensa dedicação e mergulho na vida e obra desta mulher que tanto tem a acrescentar ao rol das Relações Internacionais.

O objetivo da pesquisa é justamente não levar ao esquecimento dos leitores, e ao público em geral, a riqueza da obra de uma importante feminista da sociedade brasileira que, mesmo sem grande representatividade na época, ousou fazer frente ao sistema vigente nas décadas de 1920 e 1930, as elites dominantes, a política café com leite, e a defender os princípios e ideais pelos quais lutava, o ressurgir de uma classe marginalizada, de viés predominante comunista, proletária e totalmente anticonservadora.

2. Análise Teórica:

2.1 O surgimento do Comunismo no mundo:

Sob o viés crítico e internacionalista, a ideologia comunista tem como finalidade romper com a quebra de paradigma entre a ordem política, econômica e social vigente, através da diminuição das desigualdades ainda vigorantes no sistema. A corrente comunista versa sobre o estabelecimento de uma sociedade igualitária, sem classes e apátrida, com base na propriedade comum e nos meios de produção disponíveis, abolindo a propriedade privada, e defendendo a classe proletária.

A ideia de uma sociedade igualitária e sem classe social surgiu pela primeira vez na Grécia Antiga. A Grécia foi o primeiro Estado a reconhecer a questão da propriedade privada da terra e a tratar a mesma como uma forma de mercadoria, e conseqüentemente, foi também o primeiro país a enfrentar as desigualdades sociais provenientes do direito de propriedade.

No período da Grécia Antiga, o teórico e filósofo Platão, planejou um tipo de governo ideal, no qual a propriedade privada e as famílias deixariam de existir na sociedade. A extinção da família e da propriedade privada reforçaria ainda mais um padrão de comunidade, no qual se colocaria em segundo lugar os interesses familiares e individuais. A união sexual deveria ser de caráter meramente temporário e a criação e educação dos filhos seriam de inteira responsabilidade do Estado.

Já Aristóteles, discípulo e seguidor das ideias propostas por Platão, pôs em xeque se a utopia do sistema comunista seria realmente capaz de trazer a paz social. Além do mais, o filósofo também argumentou que, “o pomo da discórdia social não reside nos bens materiais, mas no anseio deles. Não é o bem, mas o desejo da humanidade que precisam ser equiparados”. A utopia, do ponto de vista de Aristóteles, tanto na teoria quanto na prática, significaria a condescendência do indivíduo à autoridade, o que o incentivaria a fazer o que não faria por sua livre e própria vontade.

No decorrer da Idade Média, instalou-se uma intensa crise no sistema feudal e houve um grande enriquecimento por parte da Igreja, estimulando também a formação de movimentos que tentaram extinguir as desigualdades existentes naquela época. E

segundo o historiador Rainer Sousa, “algumas das heresias medievais não só criticavam as desigualdades de seu tempo como também defendiam a supressão da classe nobiliárquica e a revolta camponesa como mecanismos de justiça social”.

Já no período da ascensão da burguesia mercantilista, muitos pensadores passaram a se preocupar em criticar os valores de seu tempo, em favor de uma sociedade justa e igualitária, ou seja, uma espécie de sociedade vista por eles, como ideal. Ao longo do século XVI, o filósofo e teórico britânico Thomas Morus escreveu uma obra muito famosa, conhecida como, *Utopia*, lançando novos pressupostos sobre o comunismo e sobre como ele seria vivido por meio de mecanismos que subordinassem a individualidade em prol do coletivismo.

No século XVII, o advento da Revolução Inglesa foi visto como uma experiência marcante que deu abertura às práticas comunistas. Segundo Sousa, “em meio às reivindicações da nascente burguesia britânica, trabalhadores urbanos e camponeses reivindicavam o fim das propriedades privadas e a coletivização igualitária das riquezas produzidas e vendidas”. O progresso da sociedade capitalista trouxe um novo entusiasmo à doutrina comunista. O ápice dessas tentativas de explicação das desigualdades surgiu com os pressupostos do socialismo científico proposto por Karl Marx e Friedrich Engels.

Influenciados pela dialética hegeliana e por uma interpretação histórica das sociedades, esses teóricos buscaram, na realidade material, a elaboração de um argumento que colocasse no antagonismo das classes sociais as bases de transformação da sociedade mundial. O mais próximo que a humanidade conseguiu chegar do socialismo científico, proposto por Marx e Engels, foi a Revolução Russa de 1917.

O socialismo lançou uma ousada proposta de transformação ao buscar na luta de classes e no materialismo histórico, os meios racionais de mudança. Segundo o pensamento marxista, as desigualdades seriam suprimidas no momento em que as classes subordinadas tomassem o controle do Estado. Controlando esta instituição teriam a missão histórica de promover mudanças favoráveis ao fim das desigualdades sociais e econômicas.

O governo guiado pelo interesse dos trabalhadores, ao longo do tempo, reforçaria as práticas e os costumes em favor do comunismo. De acordo com a ideologia socialista, a real instituição do comunismo somente aconteceria no momento em que o

Estado fosse suprimido em favor de uma sociedade na qual as riquezas fossem igualmente divididas a todos aqueles que contribuíssem com a força de trabalho.

O objetivo da teoria comunista, proposta por Karl Marx e Frederich Engels, em *O Manifesto Comunista*, seria uma espécie de expropriação da propriedade privada. Na visão de Richard Pipes a adoção a essa forma de pensamento levaria ao terror, à miséria e, sobretudo à escravidão, sem contar que a ideia de uma Idade de Ouro, sem propriedades, seria uma utopia. Pipes, também afirma que, “todas as criaturas vivas, das mais primitivas às mais avançadas, para sobreviver devem ter o acesso ao alimento garantido, e para assegurar esse acesso, reivindicam a posse desse território”.

2.2 A importação da ideologia comunista para o Brasil:

“(…) Procurava ansiosamente quem me respondesse às três perguntas de sempre: ‘Quem é Lênin; que é o marxismo; que significa a Revolução Socialista na Rússia?’ Não obtive nenhuma resposta concreta até 1922. Tudo vago, incerto. Ou completamente errôneo. Na época, ninguém conhecia o marxismo no Brasil. Que atraso!”

Ao alvorecer do século XX, o marxismo já estava bem consolidado na Europa, expandindo-se cada vez mais para regiões periféricas do continente, como a Rússia czarista, a qual veio a ser o grande expoente da primeira revolução da história baseada nos pressupostos marxistas, e servindo de inspiração não somente para os marxistas europeus, bem como, propagando o marxismo para fora do cenário europeu, como por exemplo, o Brasil, na década de 1920.

O marxismo chegou ao Brasil logo no início do século XX, encontrando grande vigor nas greves trabalhistas da década de 1920, realizadas, sobretudo nos estados do Rio de Janeiro e São Paulo. Foi com o estopim dessas paralisações nacionais, em busca de melhores condições laborais, que inspirou a criação do Partido Comunista Brasileiro, do PCB, no ano de 1922, tendo como líder ao longo dos primeiros anos, o comunista, Octávio Brandão.

O Partido Comunista do Brasil, PCB, teve seu início em março de 1922, na cidade de Niterói, localizada no estado do Rio de Janeiro. Sob influência dos “21 pontos de Moscou”, baseando-se nos ideais da Revolução Russa de 1917. O partido que nasceu sob os auspícios da ideologia de Marx e Engels, era composto por nove delegados que

representavam aproximadamente setenta e três militantes na época. O Conglomerado surgiu em busca de melhorias no âmbito político cultural. Utilizando-se da forma de organização de Lênin, pretendia representar o proletariado e as camadas mais marginalizadas da sociedade. Por defender questões de lutas sociais, o PCB, foi posto, por diversas vezes na ilegalidade.

Com a participação de Luís Carlos Prestes em 1930, o comunismo no Brasil começou a se expandir, através da famosa Coluna Prestes. Outras figuras importantes para a expansão do marxismo no país foram políticos atuantes como Astrojildo Pereira e João Amazonas, que enfrentaram o governo Vargas em busca da Constituinte de 1946. Em 1950, aconteceu uma maior aproximação das massas através da campanha, *O petróleo é nosso*, e das incitações às greves. Com o apoio das classes mais baixas o PCB tornou-se durante muito tempo a maior organização política de esquerda brasileira.

Em meio a este cenário de lutas, inflama-se em Pernambuco, particularmente no Recife, vozes reacionárias de Alice Azedo Pimenta, Joaquim Pimenta e Raul Azedo. Intelectuais brasileiros que buscavam tornar público esta nova fonte ideológica através da publicação de artigos, crônicas e textos em periódicos e revistas, na capital pernambucana, como fora o caso d'*O Tacape*, durante a primeira metade do século XX.

2.3 A Teoria Marxista nas Relações Internacionais:

Sob a perspectiva da teoria Marxista, as Relações Internacionais são avaliadas através dos interesses econômicos das elites dominantes das nações capitalistas. E os interesses das classes dominantes são obtidos na maximização dos lucros em detrimento da exploração das classes dominadas. No que concerne o estudo das Relações Internacionais, sabe-se que Karl Marx, tido como principal expoente marxista, não se dedicou de forma efetiva e particular para criação de uma teoria do sistema internacional.

Os teóricos marxistas vão de encontro às visões impostas pelos clássicos realistas e liberais, no que compõe a questão do Estado de conflito ou cooperação, uma vez que, focam os ideais em aspectos de caráter econômico e material, por exemplo.

Para os marxistas, o sistema internacional estaria amplamente integrado ao capitalismo visando uma acumulação do capital, e, permitindo inclusive o estudo das lutas de classes como objeto de pesquisa na corrente.

Para Marx, o capitalismo seria uma força histórica que ultrapassaria as fronteiras dos nacionais e daria origem a um novo processo de acumulação de capital, influenciando incluso questões relacionadas à divisão internacional e social do trabalho e as lutas de classe. Segundo o teórico, a expansão do sistema conduziria a um período de estagnação do mesmo, dessa forma, as portas para um novo sistema econômico político vigora: a priori, o socialismo e a posteriori, o comunismo.

O marxismo é considerado uma teoria cíclica, estrutural, normativa, prescritiva e engajada, uma vez que, afirma que não é possível separar o sujeito observador da sociedade observadora. Karl Marx acreditava que a teoria não servia apenas para mostrar como a sociedade era, mas, sobretudo, para transformá-la como um todo. O fundador da doutrina comunista chegou a afirmar que a economia era o coração da ciência social. O principal objeto de estudo dessa teoria estava relacionado ao conflito entre as classes sociais. Para estes teóricos, o Estado seria visto como um elemento marginal, e assim sendo, surgiria apenas como um mero veículo para interesses políticos, ideológicos, sociais e econômicos de outros atores ou classes socioeconômicas.

Marx recebeu grandes influências para o desenvolvimento do pensamento, as principais foram: socialismo utópico, com Saint Simon; economia clássica britânica, com Adam Smith, através do método indutivista; e a dialética hegeliana, com Hegel, que seria uma rejeição epistemológica e idealista do pensamento filosófico alemão, estabelecido através da obra de Immanuel Kant, no século XIX, e desenvolvida a partir de uma abordagem materialista da história.

Para Marx, somente o homem poderia produzir riqueza para o próprio homem, mesmo que para isso, ele se utilizasse dos “equipamentos e máquinas” para conseguir o “capital” necessário. Os marxistas rejeitavam a neutralidade axiológica e chegaram, inclusive, a influenciar grandes teorias que ainda estariam por vir. Já outras teorias pós-marxistas, por exemplo, se diferenciaram do marxismo propriamente dito por possuírem e abordarem um caráter mais ideacional.

Outras teorias marxistas, de cunho bastante importante para a seara internacional

também foram elencadas. Vladimir Lênin, primeiro teórico a pensar as relações internacionais a partir de uma perspectiva marxista, através da Revolução Russa em 1917, sofreu forte influência dos auspícios de Karl Marx, ficando conhecida a corrente como Teoria Leninista do Imperialismo.

Tem-se também a Teoria dos ciclos hegemônicos, ou estruturalista, que tem como principal expoente, o teórico Immanuel Wallerstein. É uma teoria cíclica, de abordagem sistêmica, estrutural, e que tem como propósito basilar estudar a ordem internacional, através do moderno conceito de sistema-mundo, sob o viés da acumulação e dominação capitalista.

Por fim, observa-se a Teoria da Dependência, fundamentada no pensamento marxista, que se iniciou em torno de 1950 e 1960, sugerindo uma espécie de estruturalização econômica na América Latina. Celso Furtado foi o grande fundador dessa teoria política do desenvolvimento econômico, no Brasil, e Antonio Gramísci, no âmbito internacional. O grande foco de estudo dessa teoria é justamente, a economia política global. Os teóricos se adequaram ao contexto da teoria marxista e dos países subdesenvolvidos em detrimento dos países desenvolvidos.

2.4 O caso de Lênin na União Soviética: Uma visão marxista no âmbito das Relações Internacionais

Vladimir Lênin, principal expoente da Revolução de 1917 e responsável pelo estabelecimento da ditadura comunista no país russo. Lênin nasceu em uma família de classe média rica, filho de um alto funcionário do Governo Imperial, o qual era membro da nobreza hereditária da época.

No ano 1887, o irmão mais velho de Lênin, Alexander, um radical acusado de estar envolvido num atentado contra o czar, foi assassinado pelo regime czarista. E por causa do seu envolvimento em protestos anti-czaristas, Lênin também foi expulso da Universidade de Karkan, dedicando-se os próximos anos para vingar a morte do seu irmão, e tornando-se dessa forma um autêntico marxista. O ódio e a vingança começaram a dominar as ideias de Lênin, o que o tornou um revolucionário fanático disposto a destruir a ordem social vigente.

Muitos estudiosos condenavam a crueldade e a brutalidade impostas pelo Governo de Stalin, mas esqueciam de Lênin, considerado por Molotov, funcionário de confiança que serviu a ambos, o mais perverso dos dois. Lênin demonstrou uma frieza monstruosa quando se opôs à ajuda humanitária aos camponeses famintos no período de 1891 e 1892 sobre a região do Volga, argumentando que a fome servia para a causa comunista e que também preparava o terreno para o socialismo.

A partir do ano de 1891, Lênin finalmente conseguiu retomar seus estudos, de Direito. Ele foi submetido aos exames preparatórios, passou e se mudou para a capital, São Petersburgo. Lá, se engajou em atividades e projetos revolucionários. Foi preso em 1896 por incentivar os trabalhadores a aderirem à greve e, então, exilado na Sibéria, onde se estabeleceu por três anos. Assim que foi libertado do exílio, mudou-se para a Alemanha.

Richard Pipes ainda afirma que: “Durante os anos anteriores à guerra, Lênin desenvolveu duas teorias adicionais. Uma defendia que a Rússia não precisava passar por uma revolução “burguesa”, pois já lutava com o sofrimento do capitalismo, e, portanto, estava pronta para uma revolução socialista. A segunda sustentava que, no esforço de derrubar o *status quo*, que os socialistas tinham de fazer alianças temporárias com cada grupo que, por razões próprias, também se opusesse a esse *status quo*, particularmente a classe camponesa e as minorias nacionais”.

Quando Lênin tomou o poder, fez de tudo para transformar a guerra em guerra civil, útil para seus planos revolucionários. Pipes reconhece que os “bolcheviques tomaram o poder na Rússia para fazerem a guerra civil”. Lênin defendeu a morte de todos os “especuladores” e ordenou o enforcamento de centenas de *kulaks*, pequenos proprietários de terra, de forma que todos pudessem ver.

A saúde de Lênin começou a se deteriorar em maio de 1922, quando ele sofreu seu primeiro infarto. Mas, somente em novembro de 1923, ele veio a óbito. Um ou dois anos após a morte de Lênin, Stalin passou a ser de forma incontestável o chefe do partido, e estava disposto a retomar o processo comunista instalado por Lênin na União Soviética.

Stalin administrou a União Soviética no período de 1922 a 1953. Durante todos esses anos, Stalin introduziu uma política de expansão territorial, ampliando dessa forma os limites geográficos da extinta União Soviética. Também foi responsável por

tornar a União Soviética umas das principais potências no período pós - guerra. Além de ter sido o principal autor pela implantação do sistema socialista na URSS.

Segundo Pipes, Stalin tinha três objetivos entrelaçados entre si, “Construir uma base industrial potente, coletivizar a agricultura e impor à nação a conformidade completa”. E acrescenta, “Esses objetivos ambiciosos provocaram uma crise no país, que, finalmente, se recuperava das perturbações da Primeira Guerra Mundial, da Revolução e da Guerra Civil. Mas isso não perturbou Stalin, porque os regimes comunistas sempre prosperavam nas crises”.

O slogan da luta de classes, adotado no regime leninista, foi destituído por Stalin, que lançou a União Soviética em uma espécie de nacionalismo semelhante ao da Alemanha de Adolf Hitler. Stalin dizia que era através das guerras, dos conflitos e das lutas armadas que se conseguiria os maiores números de aliados e adeptos ao comunismo soviético.

A população soviética sofreu muito durante o “Grande Terror” da década de 1930, e foi justamente nesse período que mais de 500 pessoas eram executadas diariamente, e milhões eram mandadas para os campos de concentração, já inseridos no Governo de Lênin. Stalin também ajudou Hitler a chegar ao poder, proibindo os comunistas alemães de se oporem aos nazistas nas eleições parlamentares que ocorreram na Alemanha.

Molotov, o confidente mais próximo de Stalin, chegou a declarar que aceitar ou rejeitar o hitlerismo seria uma “questão de opinião política”. No ano de 1940, quando Hitler dizimou os exércitos aliados na França, Stalin fez um pacto com a Alemanha, fornecendo alimentos básicos e muitos materiais escassos da época.

Com a morte de Stálin, em 1953, Krushev assumiu o cargo máximo da União Soviética, por um período de oito anos. Durante o seu mandato, Krushev revelou ao povo russo o lado ditatorial de Stálin e ordenou a soltura de milhares de pessoas que haviam sido detidas no governo de Lênin e Stálin. A repressão aos inimigos do governo e a censura à imprensa continuaram, apesar de serem muito mais brandas.

A União Soviética atingiu seu ápice de desenvolvimento por volta do final da década de 1960, chegando a se equiparar como potência, ao lado dos Estados Unidos da América. Entretanto, ao longo dos anos seguintes, ficaram claras as enormes limitações existentes no tipo de economia planificada adotada pelo país, que não conseguia

acompanhar o progresso do lado ocidental. Aos poucos, as taxas de crescimento foram diminuindo gradativamente e os gastos para a manutenção do exército militar começaram a comprometer o bem estar social.

No início da década de 1980 os problemas da União Soviética se intensificaram cada vez mais. Mikhail Gorbachev, um político jovem e com muitas ideias radicais, acabou com a censura e a repressão política e deu uma maior autonomia para a economia russa. Também permitiu a criação de pequenas empresas privadas, com a finalidade de melhorar a indústria de bens de consumo. No âmbito internacional, fez alianças com o Ocidente, retirou tropas militares russas de vários países e não se opôs ao sistema capitalista, como fizeram seus antecessores.

O plano de governo de Gorbachev teve efeito inverso ao que era esperado, perdendo dessa forma poder, respeito e principalmente o controle da situação. Ao mesmo tempo, Boris Yeltsin, também membro do partido comunista da época, foi eleito presidente da Rússia nas inéditas eleições democráticas de 1990.

Em agosto de 1991, membros do partido comunista tentaram destituir Gorbachev do poder através do golpe de Estado e dessa maneira restaurar a forma de governo existente antes de sua ascensão ao poder. O povo russo, liderado por Yeltsin, saiu às ruas da União Soviética, exigindo que a “ordem e a democracia fossem princípios respeitados”. O golpe do Estado não teve sucesso e como resultado, Gorbachev e o Partido Comunista perderam todo o poder que ainda dispunham e Yeltsin ficou conhecido como o “herói da democracia russa”. E, como consequência de tudo isso, não tardou muito para que o império soviético viesse abaixo.

Em dezembro de 1991, Gorbachev renunciou a seu cargo e anunciou o fim da União Soviética. Os estragos provocados pelo seu mandato foram grandes demais para serem contornados. Até os dias atuais, se discute quais foram os motivos e as circunstâncias que levaram o grande império soviético a arruinar em tão pouco tempo, em pouco mais de duas décadas.

Os comunistas levaram seu regime para inúmeros países nos quatros cantos do mundo. A Guerra Fria, por exemplo, foi resultado dessa tática comunista. Em todos os casos onde os norte - americanos não interceptaram a escalada comunista, o desfecho foi a escravidão, a miséria e inúmeras vítimas foram mortas. Um dos casos de maior crueldade e barbaridade foi o de Camboja, onde os representantes do Khmer Vermelho, que

aprenderam sobre o marxismo, estabeleceram uma espécie de regime que dizimou um terço da sociedade, em busca dos ideais marxistas.

Na visão do escritor Richard Pipes, a ideia principal abordada pelo Marxismo, seria a questão da propriedade privada, pois, “é uma característica permanente da vida social e, como tal, indestrutível”. E por isso, essa realidade fez com que o Governo Comunista tivesse sempre que apelar para o uso da violência, como forma de manter o poder. Os comunistas por vezes esqueciam que o “Estado” propriamente dito, seria aquele composto por cidadãos que também seguiam seus interesses individuais e particulares. Pipes também afirma que: “A contradição entre fins e meios está inserida no Comunismo e em todo país em que o Estado é o dono dos bens de produção”.

2.5 A Teoria Feminista das Relações Internacionais:

Segundo os estudiosos da teoria feminista, essa corrente objetiva a equidade de sexo, através da concepção de um importante componente, o gênero. Desde os primórdios do século XV, na Idade Média, se tem indícios do surgimento da teoria feminista no cenário das Relações Internacionais. Entretanto, somente na última década, a corrente tem conquistado o devido reconhecimento, sendo foco de estudos e abordagens teóricas por diversos autores nesta ampla seara de pesquisa.

A corrente feminista faz uma análise referente à questão do problema de gênero e da identidade, das relações de poder assimétrico, das diversas matrizes e ideologias feministas, bem como, da emancipação feminista e das potencialidades de igualdade de gênero. O feminismo sob a ótica da teoria das Relações Internacionais está também atrelado ao movimento social, à teoria social e à perspectiva analítica. Existem na atualidade, teorias de viés marxista, construtivista e até mesmo realista.

Os movimentos feministas são tidos como antecessores à teoria das Relações Internacionais, havendo, inclusive, passado por três etapas fulcrais no campo interno do Estado, para o estabelecimento do mesmo na alçada internacional. A primeira geração de feministas, ocorrida no final do século XIX e início do XX lutou pelo sufrágio universal, pelos direitos legais e pela integração das mulheres no ramo político.

A segunda onda, decorrente dos anos de 1960 e 1970 estavam atreladas as

questões da igualdade e da inserção social da mulher, através do trabalho e da educação, por exemplo. A terceira e última vertente, originada na década dos anos 90 e perpetuada até os dias atuais, tem como finalidade ratificar de uma maneira mais veemente e incisiva as propostas advindas da segunda onda.

Segundo o teórico Garaudy, “O movimento feminista não só visa garantir a participação da mulher na sociedade de forma equivalente à do homem, como também conquistar a igualdade em todos os direitos. O movimento aborda vários temas como o trabalho, a violência, a sexualidade, e os estereótipos da mulher de forma única e revolucionária”.

Assim como os movimentos feministas são divididos em ondas, as teorias feministas também o são. A primeira, iniciada em 1980 e conhecida como empiricismo feminista, versa sobre a multiplicidade de papéis que as mulheres podem assumir perante aos homens, através de forças econômicas internacionais e uma maior interação entre os Estados. Enquanto que o segundo debate gira em torno da desconstrução de paradigmas relacionados à questão de gênero, ou seja, de um ponto fixo, determinado. Segundo os estudiosos dessa vertente, seria uma espécie de relação entre opressor e oprimido, por exemplo.

A corrente de pensamento supracitada visa estabelecer uma diferenciação entre gênero e sexo. Para esta teoria, sexo, é algo meramente anatômico, biológico, enquanto, que o gênero está intrinsecamente relacionado ao construto e mundo social em que vivemos. Além de disso, ela também rejeita a neutralidade axiológica, e faz uma crítica a visão hegemônica das relações sociais e da política internacional. Para esta ideologia, a sociedade está centralizada no homem, ou seja, é androcêntrica, e existe, portanto, uma relação de mando e subjulgo, gênero e poder.

Segundo Ann Tickner, uma das principais autoras dessa corrente de pensamento, o que existe é uma incapacidade das outras teorias tradicionais lidarem com as questões de gênero. Em contraponto, outra feminista, de grande relevância, Alice Sylvester, é mais radical e critica o feminismo tradicional. Segundo ela, o ponto de vista pós – moderno seria mais plural e identitário, enquanto que, o outro, mais tradicional, seria anacrônico e radical.

2.6 A Análise dos textos de Alice Azedo Pimenta sob o viés das

teorias comunista e feminista nos anos de 1928 a 1930:

O jornal recifense *O Tacape* é um tabloide “quinzenário de crítica social e educação popular” que tinha como redator responsável o Doutor Joaquim Pimenta e secretária, Alice Azedo Pimenta. Tratava-se de um periódico primordialmente masculino, escrito na capital pernambucana, por grandes nomes, nos anos de 1928 e 1930, com uma média de 10 páginas por edição, repleto de publicidade e textos sobre assuntos sortidos, desde críticas da política brasileira a questões relacionadas ao cinema e ao teatro, por exemplo.

Ao longo dos dois tomos, nos quais se encontram os textos escritos por Alice Pimenta, existem algumas propagandas, do próprio consultório do seu pai, Raul Azedo, ou do livro de sociologia, do seu marido, Joaquim Pimenta. Nas publicações do jornal encontram-se também textos de renomados autores estrangeiros, como, por exemplo, dos europeus Maquiavel, Tolstói e Alexandre Dumas.

O periódico é extremamente frugal, encontrando-se os únicos exemplares depositados na Biblioteca Pública do Estado de Pernambuco e na Faculdade de Direito do Recife. O papel no qual o jornal foi impresso encontra-se completamente desgastado e amarelado, exigindo muito cuidado ante o manuseio. Importando a ideologia comunista, a autora se embebe deste manancial para escrever os seus textos e ajudar, o marido, Joaquim Pimenta, então político e deputado estadual. A autora produziu uma média de dez textos, sendo eles fáceis e aprazíveis, retratando assuntos de cunho feminista, comunista e até mesmo as leis relacionadas ao divórcio.

O periódico circulava, sobretudo, na capital pernambucana e teve seu primeiro número – pelo menos que se tem notícia – datado de primeiro de fevereiro de 1928, ano I, número I. Neste exemplar, Alice Azedo Pimenta, sob pseudônimo de Dorina, no primeiro texto, *A defesa de Mme. Orloff*, explica um fato que aconteceu na Rússia, particularmente conhecido como *A Tragédia de Nicarow*, no qual uma mulher fora a julgamento por ter matado, e as consequências advindas de tal fato.

Enxerga-se ao longo do texto a preponderância da mulher, aferindo incluso, traços de personalidade a respeito. Outro ponto a ser destacado é o viés comunista de Alice Pimenta, presente neste fragmento:

“- Eu e meu marido professávamos as mesmas ideias que antes já me eram comuns, porque meu pai também as professava: O anelo de uma felicidade para todos, o desejo de que todos fossemos iguais, de que não houvesse na terra opressores e oprimidos. Desde criança essas ideias aninharam-se em minh'alma”.

Em seu segundo texto, *Trecho de uma Carta*, da segunda quinzena de fevereiro de 1928, ano I, número IV, tem-se uma crônica de amor, de Victor para Vera, no qual ele faz uma analogia do seu amor por Vera, relatando um episódio que havia acontecido anteriormente entre Nora e Rogério, se mostrando inclusive, vencido porque não conseguiu conquistar o amor de sua amada:

“Tu, Vera, matas-me aos poucos. Nora faz-me saber quando está zangada. De ti, Vera, nunca sei nada! Nora foi domada por mim. Só o teu coração, Vera, nunca poderei domar. Sim! Todos os louros da minha glória desmaiam, murchos, inúteis, pois que não te venci!”

O próximo escrito, *Renúncia*, publicado na segunda quinzena de abril de 1928, no ano I, número VIII, versa sobre a história de Mádia, e da carta que recebe de sua mãe, Kátia, pedindo para a mesma regressasse a Rússia:

“O que te prende nessa terra longínqua? Pois aqueles que amas, não estão eles aqui! Enlevada por alguém que ti transtornou o juízo, fugiste louquinha, abandonaste tua pátria e esqueceste, pobre filha de *mujicks*, que a vida é dura em toda parte e que não se deve procurar fugir à sua sorte!”

E, sobretudo, sobre a renúncia do único e grande amor da sua vida, Maurício:

“...a renúncia do seu amor, o seu amor perdido”.

A quarta produção de Alice, decorrente da segunda quinzena de agosto de 1928, do ano I, número XVI, intitulada, *Addio! Giovanezza...*, retrata os conselhos dados por Dorina para Stella, sobre um amor que não deu certo:

“...Stella, quando se ama sinceramente, num amor todo feito de perdão, de dolorosas renúncias, de abnegações dolorosas,

sem um queixume, sem um murmúrio, encontra-se nesse mesmo martírio, motivos de alegria. Dizem que sofrer por quem se ama é ainda uma felicidade”.

Os quinto, sexto e sétimo textos, *Coração Adormecido*, são divididos em três partes, com o mesmo título, e em publicações consecutivas. A crônica, doce, leve e suave, discorre sobre uma história de amor, do sentimento que brota no coração das pessoas e do quanto ele pode realmente tocar fundo e incluso, mudá-las, como foi o caso dos personagens, Carlos e Marita.

Dois jovens, em posições totalmente distintas na vida, de um lado, uma jovem rica e mimada, que sempre viveu regada ao luxo e conforto, Marita; do outro, Carlos, um jovem engenheiro, de família humilde, que tinha de tudo para prosperar e vencer na vida, mas que para conseguir o amor de uma mulher, de Marita, é capaz de mentir e forjar ser um homem que não era, se passando por rico.

O tempo passa, os jovens se casam, e os momentos de dificuldades advêm. Carlos, pensando que a mulher com a qual se casara permanecera a mesma mulher fútil e leviana de sempre, ao ser demitido da empresa em que trabalhava, resolve abrir o jogo e contar toda a verdade para o mesmo. Entretanto, para tamanho espanto e surpresa, Marita se mostra uma mulher totalmente diferente da que era antes, descobrindo em Carlos o mais puro e verdadeiro sentimento que um ser humano pode nutrir pelo outro, o amor.

uma rica, que sempre viveu no luxo e não se via na pobre; do outro, Carlos, um jovem engenheiro que tinha tudo para prosperar na vida, mas que para conseguir o amor de Marita, mente, se fazendo passar por rico.

Uma passagem do exemplar que explicita bem a questão descrita por Alice Azedo Pimenta é,

“para os dois a vida só começou agora. Foi preciso que sofressem e lutassem para que despertassem neles a consciência de suas vidas truncadas e inúteis – A alma desconhecida que eles ignoravam – alma de dedicação e afeto”.

O nono texto escrito por Alice Pimenta, *O ritmo da dor*, aborda a temática da

morte, o quanto uma mãe pode sofrer com a perda de um ente querido, e como essa dor é suportada e amalgamada pelos demais. Luna, explica ao seu noivo, que ela e sua irmã, Assim boa, caíram enfermas, e que a caçula não conseguiu sobreviver, vindo a óbito e deixando uma grande dor no coração da sua mãe:

“todo coração de mãe tem o mesmo ritmo, vibra no mesmo anseio, enflora-o a mesma esperança, canta, ri e chora as mesmas lágrimas”.

No próximo texto, *À margem da vida*, retrata um tema bastante importante no que concerne as leis brasileiras: o divórcio. Muitas mulheres tiveram que se manter casadas com os respectivos maridos porque no Brasil não existia nenhuma lei que anulasse o casamento, obrigando a ambos viverem juntos por toda vida, e não dando o direito se ter uma nova vida, livre e sem amarras:

“O divórcio como nós temos, é uma farsa cruel. Cada um dos dois deve ter o direito de renovar o seu viver. O casamento brasileiro é o único ato sério da vida do qual não se pode fazer experiência”.

A autora também se utiliza da comparação entre dois países distintos no que diz respeito à questão do divórcio, como a França e o Brasil. O primeiro admitia o divórcio e via a mulher divorciada com respeito pela sociedade imputada, enquanto que o segundo, além de não admitir o mesmo, a pessoa não poderia constituir uma nova família, bem como não era vista com bons olhos pela comunidade brasileira, tendo que viver, literalmente, à margem da vida:

“Na França uma senhora divorciada será sempre uma senhora; o mesmo respeito a cercará. Poderá casar ou poderá deixar de o fazer; mas para ela continuará morto o marido que a abandonou. No Brasil uma senhora separada do marido, ficará à margem da vida! Não poderá tornar a casa, família nenhuma terá de bom grado relações com ela; não poderá viver inteiramente por is porque bem sabemos como é mal remunerado o trabalho feminino”.

Por último, a décima produção, *O preço das guerras*, versa sobre as consequências e os malefícios que uma guerra pode trazer para um país, uma determinada região. A autora afirma, por exemplo, que:

“A guerra deixou horríveis cicatrizes na Itália. Encontrei

20.000 crianças que ficariam horrivelmente multiladas pelos nazistas e aliados. Milhares estão cegas, enquanto outras não tem braços, nem pernas. A grande maioria é gente pobre, sobretudo filhos de camponeses. Milhares e milhares são órfãos de pai e mãe e passaram a constituir bandos de pequenos assaltantes”.

3. Textos digitalizados de Alice Azedo Pimenta:

Edição: Ano I. Nº I – Primeira quinzena de janeiro de 1928

A defesa de Mme. Orloff

Maria Lucia enviou-me hoje, pela manhã, o jornal com este bilhete:

"Dorina - mando-te (para julgares mais um perfil de mulher) este jornal de Petrogrado, cujo título significativo - RÚSSIA VERMELHA - evoca rajadas de heroísmos e abnegações...

Quanto a Mme. Orloff, acho-a heroica, mas cruel. E tu? - Maria Lucia."

Um traço a lápis indicava-me uma coluna com a seguinte epígrafe:

A TRAGÉDIA DE NICAROW

E li:

"Compareceu ontem a julgamento, perante enorme assistência que se mantinha num grande silêncio comovido, a protagonista da tragédia de Niracow. Mme. Sonia Orloff, apesar de sua extrema palidez proveniente dos longos dias de reclusão, aparentava completa calma de espírito.

Interrogada pelo juiz, declinou dos serviços do advogado, que concede a lei, Não pretendia, disse, ocultar a verdade ou mascarar-la. "No nosso árduo papel de repórter, faremos o possível para descrever exatamente o que foi a memorável sessão do dia 26.

Madame Orloff trajava vestido escuro, de mangas compridas e colarinho alto. Tem 32 anos e nasceu na Rússia Menor. Filha de pais camponeses, viera muito cedo para a capital, matriculando-se na Universidade. Não é bonita, mas tem uma fisionomia extremamente simpática. O olhar, reto, franco, fala-nos alguma coisa em seu favor. Ela agiu certa de que cumpria um dever; de que nada lhe restava fazer a não ser executar uma suprema resolução que tomara consigo mesma.

Era precisamente uma hora, quando passou a referir os acontecimentos que a arrastaram à barra de um tribunal. A sua voz ressoava tranquila e velada sobre o silêncio impressionante.

Sr. Juiz - Eu declino dos serviços de um advogado que a lei concede aos criminosos. Nada pretendo esconder; a mentira e a chicana, neste momento, não seriam cabíveis, O meu crime é mais um crime de convicções. Peço, sr. Juiz, para defender-me publicamente de acusações dolorosas por parte de jornais governistas. Alguns deles, desfavoráveis e injustos, com expressões descorteses, desceram ao ponto de atribuir o meu ato a paixões que deprimem! "O Dia", num amargo insulto, diz que esse "ato treloucado" pode ser considerado um crime passional! Eu não aceito nem a ofensa de ser considerada uma amorosa, nem a defesa que esta designação implica.

Desprezo o insulto como prescindindo da indulgência. Não, sr. Juiz, não foi o amor carnal que me levou tão longe; não emprestem sentimentos vulgares a um ato que me enobrece. Não defendi o homem que amava, vinguei a orfandade de meus filhos. Esta explicação é necessária.

Agi com inteira serenidade, em toda plenitude dos seus sentidos. Se lamento sentar-me hoje no banco dos réus, não quer dizer que trepidasse em renovar esse gesto, caso fosse preciso! Parou um momento, respirou forte, tendo já as faces coradas pelo esforço. Olhou lentamente o auditório emocionado, e prosseguiu com a mesma calma, o mesmo timbre de voz:

Vou dizer em poucas palavras os antecedentes do fato que me impeliu a cometer o crime. Este já por si não interessa. Os jornais relataram-no com todos os detalhes, alguns dos quais ofensivos à minha dignidade.

- Eu e meu marido professávamos as mesmas ideias que antes já me eram comuns, porque meu pai também as professava: O anelo de uma felicidade para todos, o desejo de que todos fossemos iguais, de que não houvesse na terra opressores e oprimidos. Desde criança essas ideias aninharam-se em minh'alma.

Quando, depois de casada, eu e o meu marido conversávamos sobre o risco a que elas nos expunham, me perguntava ele; -

- Se o governo mandar agredir-me, e se eu sucumbir, que farás tu?

Invariavelmente lhe respondia:

Quem o matar, terá a mesma sorte.

E quando ele tombou morto por soldados disfarçados, aquele autocrata cruel e sanguinário, jurando-se inatingível, respirou satisfeito. Pensara mal...

"Há um ano que a bala que o feriu, repousava inofensiva no tambor do meu revólver."

Já vê, sr. Juiz, que os maiores martírios não me fariam retroceder. Quarentas que passassem, essa bala procurá-lo-ia incessante.

E quando ao penetrar nos seus aposentos particulares, olhando-o frente a frente, apontei-lhe a arma, vi que daquele homem cruel e astuto restava um pobre homem acovardado e tremulo.

Acusaram-me os jornais e que eu o matara no momento em que ele tinha uma criança ao lado. Não é verdade! Não que esse fato fizesse baixar a mão que vingava.

Ele já havia caído, quando uma criança que me parecia e seis a oito anos, entrou assustada chorando em grandes gritos. Procurava levantar aquele corpo, cujos olhos extremamente dilatados, a fisionomia contraída repugnavam. Inclinei-me para tira-la dali.

Lágrimas, contraditórias lágrimas, corriam-me pelas faces. Chorava de alegria por ter cumprido o que tantas vezes prometera; chorava de piedade pela criança que via chorar; chorava de pesar por me terem os acontecimentos arrastado a um ato do qual não me arrependia; chorava de saudade, de mim mesma, aniquilada para todo o sempre.

Olhei o ferimento cujo sangue começava coalhar, parecendo cansado de correr, Grandes gotas vermelhas saíam de vez em vez pelo orifício e, resvalando por sobre o sangue gelatinoso, faziam um pequeno círculo no chão.

Passos apressados ressoavam; perto tinham armas.

Não desejava fugir. Entreguei-me à prisão.

Ah! A prisão! Túmulo sem esquecimento! E há três meses que, encerrada nele, espero que me façam justiça! Não me defendo, não me acuso, exponho fatos.

Vou terminar, sr. Juiz. Para que contar inomináveis sofrimentos, desde que se fechou sobre mim a porta que da para a vida?...

Calou-se exausta.

Ouviam-se soluços nas galerias. O olhar do juiz era um olhar de perdão. Momentos depois, pairava para Mme. Orloff o sol da liberdade."

Pousei devagar o jornal. Pensei em escrever a Maria Lucia, analisando-lhe esse caráter de mulher. Mas não o fiz. Para que? "Quem com ferro fere, com ele será ferido", Porque, por "esnobismo", por medo de ser mal julgada, hei de dizer que ela não tem coração, se eu faria o mesmo?

Dorina (Alice Pimenta)

Edição: Ano I. Nº IV – Segunda quinzena de fevereiro de 1928

Trecho de uma carta

<<...Sim, sou como realmente dizes, um domador de feras. Dominá-las pelo olhar, trazê-las a se rojarem até os meus pés, foi, para mim, de todos os prazeres sempre o prazer maior. E, muitas vezes, sentindo em redor da arena a multidão estática, ficava mais envaidecido do meu poderio, que um rei.

Domei-as todas: da serpente de olhos de cadáver à pantera com meneios de mulher; do leão de juba eriçada ao jaguar negro, terror das selvas virgens. Sim, domei-as todas! Umas, pela astúcia; outras, pela doçura; e ainda outras, pela crueldade. E nunca nenhuma delas me traiu... Nunca, para comigo, uma deslealdade partiu delas...

Mas, um dia, te amei. E os olhos da mulher que o amava, eram verdes com reflexos de sombra. E havia neles as listras amareladas dos olhos da pantera. E da pantera era o seu andar.

Mas, eu nada via, cego que estava pelo teu carinho.

E se amansava feras no coração das charneças, como não subjugar-te um dia?

Uma ocasião, (estavas tu presente) entrou o capitão Rogerio na jaula de Nora. Bem sabes como era ele destro e altivo de sua profissão. Nora, ao vê-lo, esfregou repetidamente as patas pelas narinas. Isto queria dizer que estava indisposta, que a

deixassem sossegada. Observei ao capitão como era perigoso contrariá-la. Era muito nova e quase indomável. Rogerio riu-se e mostrou-me o seu revólver marchetado de madreperla. Ao vê-lo penetrar na jaula, fechando sobre si a porta de ferro, tive o pressentimento de que algo de trágico iria acontecer naquele ambiente de festa. Nora, ao avistá-lo, cerrou brandamente os olhos e virou a cabeça para o outro lado. Rogerio ergueu o chicote e desfechou-lhe a primeira vergastada. Nora recuou. O domador, ereto, inflexível, fitava orgulhoso a multidão enlevada diante de tanta coragem.

Ao desferir a segunda chicotada, a fera levantou-se sobre as patas, abriu desmesuradamente as faces, encolheu as ancas e, num salto espantoso, caiu sobre o capitão. Um grito rouco saiu-lhe do peito. As unhas da fera, naquele abraço de morte, cravaram-se-lhe nas costas. Os braços estendidos, os olhos dilatados, as veias a arrebentaram, apertado até o asfixiamento, Rogerio deixou cair da mão o revólver inútil. Um grito histérico, imenso, reboou na arena.

A golpar-lhe sangue da boca um ríctus de pasma na face contraída, o capitão teve um último estertor. Seus membros distenderam-se, para logo afrouxarem sem resistência, e a fera, pressentindo-o, soltou-o, caindo ele de bruços, agonizante, como um trapo.

Nora, que ficara suja de sangue, de novo deitou-se, e começou a lamber-se, acalmada, satisfeita.

Levei muito mais tempo em recordar-te esse episódio, do que aquele em que ele se passou. E agora, ao escrever-te, querida, ele me veio à lembrança.

Que estranha analogia entre Norma e a mulher que amo! Pois bem. Nora foi mais humana para o capitão Rogerio do que Vera para mim. Ela o matou de uma vez, num abraço de extermínio. Tu, Vera, matas-me aos poucos. Nora faz-me saber quando está zangada. De ti, Vera, nunca sei nada! Nora foi domada por mim. Só o teu coração, Vera, nunca poderei domar.

Sim! Todos os louros da minha glória desmaiam, murchos, inúteis, pois que não te venci!

VICTOR>>.

Dorina (Alice A. Pimenta).

Edição: Ano I. Nº VIII – Segunda quinzena de abril de 1928

Renúncia

Uma violenta campainhada soou.

Rosa com gesto amuado de criadinha *fin de siècle*, foi ver quem era e, espiando por entre o postigo, seus olhos brilharam.

- Oh! O carteiro!

E ela pensou na alegria de mademoiselle Mádia, esta russasinha tão frágil, mas cujos cabelos bolcheviques traduziam bem a revolta da sua alma. E com passo ligeiro tomou uma carta e revistas, encaminhando-se para o quarto de sua senhora.

Ao seu – Posso entrar? – voz dolente respondeu, voz que traduzia bem o cansaço de uma geração inteira de escravizados, e Rosa, achou-se em sua presença. Estendendo-lhe as revistas, disse-lhe:

- Mademoiselle, porque não vai hoje ao Flamengo? É quinta, dia *chic*, e deve estar assim de gente...

Mádia fez um gesto vago e tomou-lhe a carta.

- Deita aí as revistas e podes sair.

Ficou a escutar os passos que se iam e ansiosamente rasgou o envelope.

“Mádia: - dizia-lhe alguém- porque não tornas? O Neva duas vezes petrificou-se e duas vezes suas águas correram em borbotões. Só tu ainda não voltaste! O que te prende nessa terra longínqua? Pois aqueles que amas, não estão eles aqui! Enlevada por alguém que ti transtornou o juízo, fugiste louquinha, abandonaste tua pátria e esqueceste, pobre filha de *mujicks*, que a vida é dura em toda parte e que não se deve procurar fugir à sua sorte!

Torna a ti, Mádia, torna a ti, e volta às estepes geladas da nossa Rússia.

Aqui, como lá, há a prepotência dos fortes, há a miséria, mas Deus, que é tão grande, mora em toda parte.

Desde que partiste, neva nos campos e neva em minh'alma.

Que Deus te abençoe como te abençoa tua mãe.

KÁTIA.”

*

* *

Ela deixou cair o papel, e abstrata seguiu com olhar vago o voo de uns pombos que faziam uma curva no horizonte e rumavam Santa Thereza. E, recostando-se na espreguiçadeira, pensava em seu passado calmo, no presente agitado e no futuro incerto.

Via os compridos dias de inverno, a natureza em letargo, na gestação da Primavera, este sono branco que dura longos meses e infunde na alma dos seres o desânimo, a tristeza, a monotonia que vem das coisas mortas. Seis meses dormiam as árvores, os rios, as estepes e dormia também a alma de seu povo. E quando chegava a Primavera, como princesa adormecida de legenda, a natureza inteira despertava. E como a natureza, a sua gente sorria. Era um sorriso descrente, triste e de cansaço, mas era sempre um sorriso.

Depois... Mádia via bem uma curva de estrada a telega que transportara a estrangeira esguia, de olhos grandes, que vinha de ocupar a casa do *barine*.

E depois suas entrevistas furtivas com José, o criado grave da senhora; a aprendizagem de uma língua que lhe parecera tão difícil, mas que o amor tornara fácil. E depois, ainda, a fuga, o abandono, a loucura... E, volvidos dois anos, tinha olhos pisados e espinhos no coração.

De José restava-lhe somente asco de ter fugido com o servo. O seu grande amor fora Maurício. A onda de lama que a banhara, passou, deixando intacto um pequeno recesso de sua alma. Ali vivia – flor dentre gelo; - por ele, adoração, loucura, idolatria...

Desejou voltar. Lá seria o *samovar*; os tamancos, as longas noites desertas, o seu amor distante, mas seguia também o mar sem tempestades.

Ficar, seria a *limousine*, o *chanpagne*, o *cabaret*, a cocaína e o tédio!

Ouviam-se agora acordes distantes. Mádia conhecia aquela música. Os seus versos mesmo despertavam-lhe outrora emoções suaves. E sentiam novamente que seus olhos rasavam-se de lágrimas. Alguém cantava, alto, versos, que ela repetia baixinho,

em surdina, no murmúrio. Era o *Tu ne sauras jamais*, de Millandy, o psicólogo cantor de corações feridos.

Pensando em Maurício, começou a escrever-lhe, possuída pelo sentimento que dominava seu cérebro, com este anseio nervoso de mulher que ama. Millandy lera-lhe o coração. Escrevera-lhe a dor sem gritos, o seu desespero mudo, a renúncia do seu amor, o seu amor perdido... Millandy fora bem o fotógrafo se su'alma sofredora. E ela a copiar-lhe os versos para enviá-los a Maurício, dizia-os em surdina:

Non! Tu ne sauras jamais.

O toi que tout bas j'adore,

Si je t'aime ou je te hais;

Si je raille ou si je souffre encore!

Em vain, dans nes yeux distraits,

Tu cherches à livre eu moi-même,

Tu vondrais savoir si je t'aime...

Mais je ne te le dirai... jamais.

Findava a música. A sereia de um auto veio quebrar bruscamente a quietude das coisas.

Mádia, levantando-se premiu o botão elétrico e passos soaram, avisinando-se do quarto.

-Veste-me. - disse – Partimos amanhã. Não mais champagne, cocaína, *caberets*...Uma tina de roupa que vai corar ao sol, uma chaleira que ferve em um canto de fogão, um grilo na lareira e um menino que chora... É a monotonia, mas é também o dever.

Rosa, desta vez, não sorriu: aquilo era certo e definitivo. Como criadinha inteligente, sabia que, depois de meter-se uma ideia séria numa cabeça de mulher, todos os tormentos juntos não a fariam retroceder. Compreendia que Mádia não esqueceria nunca, fosse onde fosse, o homem que amava, mas compreendia também que sua alma forte cerrar-lhe-ia os olhos para o amor presente, para o supremo amor. E, pela primeira vez na vida, sua fisionomia contraiu-se em pranto. Do quarto de sua ama chegava-lhe

queixumes, num desespero mudo de renúncia: *Não, tu não saberás nunca, ó tu que, baixinho, adoro, se te amo ou se te odeio...*

Rio --- 1923.

DORINA (Alice Pimenta)

Edição: Ano I. N ° XVI – Segunda quinzena de agosto de 1928

Addio! Giovanezza...

Voltamos do Museu. Que pesado silêncio nas alamedas que o *rac-rac* da areia sob os nossos passos, perturbava! E dentro de nós que pesado silêncio!...

Caminhávamos devagar e absortas. De toda a Quinta, das árvores e dos lagos ressoavam palavras que eu já ouvira, mas que não me tornariam a dizer...

Falavam para mim as árvores mudas:

- Porque nunca mais voltaste? Não guardas das nossas avenidas, do velho casarão, uma lembrança qualquer? Nada te dizem eles do passado? Já tão deslebrada estás? Mas, não... Lemos dentro de ti... não nos esqueceste... Não tinhas era coragem agora que estás sozinha! Bem te vimos outro dia escreveres no velho tronco da azeitoneira o nome seu! Porque não fizeste em outra árvore qualquer? Porque foi em uma de nós que tua mão gravou letras que não pronunciaram teus lábios?!"

Mas não falavam as árvores, a água do lago, a alameda sombria; Quem falava dentro em mim era a saudade!

- "Foi numa tarde de sol..." - Recordava baixinho o coração.

Reinava por toda a Quinta um silêncio de sonho.

Olhei a água glauca do lago já no claro escuro de um esconder de sol; e pensei: água tranquila, água parada, água que a sombra acaricia! Que de mistérios não escondera teu seio?! Como te assemelhas, água profunda, ao coração da gente... Bem no íntimo, a revolta, a incerteza, o sofrimento, e, à flor do rosto, olhos resignados que sorriem... Como nos parecemos, água sombria!...

Disse baixinho, do Minotti del Picchia pernambucano, Lincoln Nery, os

admiráveis versos . Eu sentia, ao evocar das rimas, o coração ferido, inquieto, cada vez mais triste, no adorável silêncio.

Fora também uma tarde igual àquela que lhes inspirara as "Sugestões de um crepúsculo antigo":

Pesa por sobretudo um cansaço de sono...
Breve a noite há de vir. Adensado abandono
A alma das coisas já a pouco e pouco vence-a...
Desolação... Tristeza... anseios vãos... Ausência
De alguém de brancas mãos assassinas e frias
Que andam a tecer a teia infeliz de meus dias;
Algum que traz no olhar, dois abismos fatais
Onde me debrucei um dia, e nunca mais,
Desde então, evitei a atração desse abismo!
Vaga pelo jardim, um suave misticismo,
Na agonia sutil dos lírios e das rosas
O delíquio do oceano e as vozes misteriosas
Da natureza, são como que hirtas, caladas...
Tristeza! Eu tenho agora as pálpebras fechadas!
Esmoreço e recordo. Anda no ar Charminade
E eu começo a chorar de tristeza e de saudade!

*

* *

A tua voz, Stella, veio arrancar-me ao amargor do enleio.

-Pode alguém, tendo o seu amo próprio espezinhando continuar a querer a outro alguém que nos abandonou? -

- Sim, Stella, pode! O amor é como o cancro. Todos os remédios são paliativos ante a sua marcha corroedora e fatal. Quem, por sua livre vontade, procuraria

sofrimentos? Felizmente isto já passou. Não seria cabível agora, nesta época de cocaína e "shimmy". Porque me perguntas?

- Porque escreves tanto sobre ele que, às vezes, parece-me que viveste o que escreves. O que te impele a fazê-lo? Porque lêes no coração da gente? Ouve: Bem sabes o imenso afeto que consagrei ao Mario. Quando foste para a Bahia, eu era a mais feliz de todas as mulheres... E também quando voltaste, era a mais desgraçada...

- É a velha história sempre nova. - disse-lhe. - Esquece-o. Transmuta o teu afeto em amizade não tornarás a sofrer. Um amor insexual, que se estenda a todos os seres do Universo indiferentemente. Um grande desejo de ser boa, fazer bem, de aliviar alheias dores, esquecida sempre da tua própria dor...

- Ai, Dorina, não posso! Imagina que os mais pesados insultos, as mais torpes ofensas, a sua boca, que imaginei tão delicada sempre, proferiu já contra mim! Todos os meus atos, ditados sempre por generosos pensamentos, foram torcidos e deturpados... Mas, se "ele" ainda voltasse, receio que de tantas ofensas, de tão baixos insultos, não me restasse mais do que um angustioso desejo que "ele" não os tivesse proferido! Tanto que lhe desejei fazer da vida uma trajetória de flores... E, ai de mim, fi-la de espinhos...

- E porque não te divertes? Que não pode o prazer? Vou arranjar-te dois programas. O primeiro: - os banhos de mar, pela manhã, em Copacabana; as tardes do Flamengo, as excussões a Paquetá; as noites do Municipal e as ceias do Assírio...

É um programa de esquecimento... Talvez encontres nele um outro noivo, um outro amor, talvez...

O segundo: - adormenta o teu sofrer com a certeza de que há muitos Marios na vida. O teu amor? Purifica-o com as tuas lágrimas faze-o espiritual, abstraindo dele tudo quanto de prazer te poderia dar!

"Ele" foi pouco generoso e te faz espiar caro o crime de tê-lo amado? De um Mario brutal, descortês, insincero, faze um Mario amoroso e bom. O que não pode a imaginação?! À força de querê-lo diferente do que é, esquecê-lo-as... O Mario que te fará feliz, não será mais aquele Mario vingativo, de imaginárias ofensas, que transmutou teu sentimento em fonte de amargura... Será o Mario que idealizou teu desejo!!...

Fez-se silêncio.

Voltei-me uma vez ainda e meus olhos pousaram no Museu adormecido.

Stella, que ficará a pensar nos meus conselhos, disse:

- Tudo o que dizes é muito custoso. E sofro tanto, tanto!...

- Stella, quando se ama sinceramente, num amor todo feito de perdão, de dolorosas renúncias, de abnegações dolorosas, sem um queixume, sem um murmúrio, encontra-se nesse mesmo martírio motivos de alegria. Dizem que sofrer por quem se ama é ainda uma felicidade.

- E porque, Dorina, tu que pareces tão feliz, que tão ávida de prazeres és, que sacrificas a tua saúde, tão abalada já, em ceias e teatros, falas com tanto sentimento, tanta emoção do mal que nos traz o amor?

-Porque, Stella, eu não copio a dor alheia; retrato a minha!...

No céu as estrelas luziam...

Alice Pimenta

Edição: Ano II. Nº XXVIII – Segunda quinzena de fevereiro de 1929

Coração adormecido

(Para “O Tacape”)

DORINA

Novembro. Avenida Boa Viagem. – Na ponte um auto seguia, suave, pela noite, fazendo oscilar a esteira de prata do luar nas águas do rio.

E entre os *dois*, silêncio...

ELE – preocupado, na testa o vinco denunciador de tempestades.

ELA – graciosa, indiferente, de olhos perdidos na cidade iluminada e longínqua.

Carlos cortou, brusco, aquela quietude aparente.

- Não; não podemos continuar assim. Não queres ver o abismo, mas ele existe. A nossa vida, tão boa, por tua causa irá mudar. Este velho estribilho – “Teu amor e uma cabana” – seria uma pilheria engraçada, se não fosse cruel.

- E porque me quiseste assim? Respondeu com tristeza, sem desfrutar as primeiras janelas se acendiam no cais. – Não sabia que eu fora criada num ambiente de luxo, de conforto? Danças que sabemos bem, línguas que sabemos mal, e gestos *raffinés* e ninharias caras. Acusas-me porque sou inútil e dissipadora; não sei porque! Não te enganei; conhecias bem as minhas ideias, as minhas preferências; e sabias que se gostei de ti, não foi só pelos teus olhos ou por teu sorriso, foi também pela tua situação de rapaz rico e bem instalado na vida. E agora me recriminas por meus vestidos, por minhas capas, por meus abafos... Não; és injusto! Eu continuei a ser o que era, nem mais nem menos, uma menina de sociedade, que, enfeitada, espero um noivo. E deixa-me dizer-te agora: não és o único a te arrependeres: eu também o estou! Os outros maridos gastam do mesmo modo e queixam-se menos.

Ele brecou o auto e permaneceu calado. Ela continuou a fitar uns pontos iluminados e oscilantes. Eram lanternas à popa dos barcos que balançavam no cais, à espera dos patrões retardados nas bodegas.

E olhando-a de soslaio, junto ao volante, ele a achou linda e indiferente, como que diluída, tão afastada estava do seu coração. Sim, o mal fora só seu. Uma boneca não é uma mulher, pensou.

E rumaram à cidade, hostis, como inimigos obrigados a permanecer juntos.

*

* *

Carlos Silva, engenheiro e educado na Inglaterra, passava agora por uma das fases mais difíceis da sua vida. Fora cientificado de que seria em breve substituído na direção técnica de uma usina e onde seus magníficos honorários o faziam passar um rapaz de avultados recursos. Fama, aliás, que ele nunca se quisera dar ao trabalho de desmentir. E era está falsa posição que lhe ia criar justamente sérios embaraços, tornando-lhe ainda mais angustiosa a certeza de que um lugar de grandes ordenados não se encontraria de um instante para outro. A sua consciência dizia-lhe que agira levianamente ao conhecer Marita; induzira-a acreditar numa posição que estava longe de possuir.

No rebuscamento de suas *toilettes*, no *aplomb* como que dirigia a sua “baratinha”, tão cara como a limousine de luxo, ressaltava logo o desejo de passar aos seus olhos como rapaz elegante e de dinheiro.

E a chegada inesperada de um filho do maior acionista da usina, e, como ele, engenheiro, deixava-o numa situação precária e insolúvel.

- - - Se me diminuem o ordenado ou mudam-me de lugar, pensava, claro que não ficarei.

E um futuro sombrio se desenrolava ante seus olhos abertos agora para uma vida ignorada e, por isso mesmo, temida. Não pensava em si; era forte, era audacioso. Mas, sua mulher, acostumada ao luxo, não sabendo se quer vestir-se só, precisando sempre de alguém para servi-la, como não iria sofrer?

E sujeitar-se-ia ela, quando soubesse a desconcertante, a horrível verdade? Não iria para a companhia dos parentes, abandonando-o sob o pretexto de que ele, só, agiria melhor? E as recriminações que iria ouvir por lhe ter sempre escondido o seu verdadeiro estado financeiro!...

E apreensivo, preso a pensamentos amargos, foi machinalmente que transpôs o portão do vilino, fazendo deslizar o auto, suave, na areia do jardim.

Ao entrar, convenceu-se mais uma vez de como seria difícil à sua companheira se abster-se daquela vida de opulência.

--- Amélia! Venha ao meu quarto! Gritou Marita à empregada. No salão de vestir-se sentada numa banquetta de pelúcia, tirava com vagar os anéis, vendo refletir-se no cristal polido a sua figura de princesinha dos contos de Perrault. *Mignon* e esguia, clara e luminosa, quase imaterial à força de leveza, assemelhava-se a “um lírio que cresceu demais”.

Carlos contemplava-a, apoiado à entrada da porta, e pensava como poderia exigir-se qualquer esforço daquela porcelana de Saxe, frágil e graciosa. Lembrava-lhe, assim, esses caixotes que trazem a etiqueta: Cuidado! É vidro!

E sentia-se agora na vida trazendo nos braços aquele *bibelot* raro, mas inútil, que, apesar de tudo amava.

E olhando-a, enterrava-se cada vez mais na estrada mágica das recordações – Estradinha que a gente não liga porque é pequena e depois de penetrar-se nela, cerra-se

para sempre, em nossas costas, de espinheiros e cardos. – E se vai chorando por aquela estrada larga e sem fim, pela qual não se volta mais.

- Como seria bom que fosse rico, bastante rico, e viver sempre ao seu lado! E se não fosse a sua educação defeituosa, saturada de tantos preconceitos sociais, os seus atos de preguiça e luxo de mulher da moda, como seria doce viver com ela num ambiente de trabalho e de sossego?

Continuava a observá-la. Pelo cristal via-a um pouco inclinada, enquanto a criada de quarto lhe desatava o colar. Como era bonita! Considerou com tristeza. Que mulherzinha deliciosa se não fosse fruto de um século de transição e de histerismo! Feita desse encanto sutil que foge à análise, e que só possuem as mulheres realmente belas – um *que* de indefinido, luminoso e estranho na sua pele e no seu sorriso, nos seus olhos de bruma e de mistério.

Ele a olhava na certeza de que uma ruptura seria inevitável entre os dois. E como ela estava tão perto e, ao mesmo tempo, tão longe, separados pelo mal entendido das suas vidas truncadas? Ela, aferrada aos seus enfeites, às suas joias, aos seus caprichos, ao morno conforto de sua casa; incapaz de imaginá-la diferente do que era, incapaz mesmo de um esforço para conservá-la assim.

Carlos, amando-a, mas vendo-se de chofre sem dinheiro, despido pela inclusão de outro na direção da usina, acabrunhado e só, porque a sentia mais distante de si, do que se estivesse realmente na Ásia ou na Oceania, com vastos mares de permeio.

E para os dois a noite desceu silenciosa, adormecendo-os nos seus pesares e na sua mágoa.

Edição: Ano II. Nº XXIX – Primeira quinzena de março de 1929

Coração adormecido

(Para “O Tacape”)

DORINA

II

Carnaval. Um frêmito de desejos sopitados irrompeu pelas cidades e pelos corações. Mutações bruscas de físicos e caracteres. Rapazes ajuizados vestiram-se de dançarinas de pernas nuas e lábios rubros em V. Um ébrio contumaz virou S. Francisco, o *poverello* de Assis. Muita mulher honesta trazia na boca e nos olhos o desejo das apachinettes do *bas-fonds* parisienses; mulheres infelizes pousaram de Julieta e Katucha.

Todos deixaram ver o seu verdadeiro eu; viraram pelo avesso.

A Carlos impressionou o contraste das máscaras; e quando Marita encerrou-se em seu quarto, ele sentiu, pela primeira vez, invencível interesse em estudar o seu caráter através da máscara de veludo.

Observou como todos em redor se haviam transformado, deixando transparecer o fundo negro do saco de seus corações.

Ignorava a fantasia que sua mulher escolhera, mas pressentia que aqueles metros de seda retratariam sua alma.

*

* *

Marita, aquela figurinha de Tanagra e sonho, era princesa. O vestido de tafetá branco, bordado de pérolas e sobre a cabecinha de *medinette mécontente*, que se elevava orgulhosa e altiva, um diadema de pontas.

No seu modo de andar e de mover-se, lia-se bem o desejo que acariciara todo um ano. – Um sonho de poderio, de riqueza, de esplendor! Princesa! Diziam os seus olhos que riam. Ser princesa! Que bom e que lindo!

E que doloroso também!...

Um dia, pobre princesa! Virá quarta-feira de cinzas, e adeus! Pérolas e diademas e cabeleira empoadada, adeus!

Carlos sentiu impulsos de pisar aos pés aquela coroa falsa como a chimeras que alimentara em seu noivado – falsa como os seus sonhos de felicidade, como o seu lar e o seu amor...

*

* *

Levou-a ao Internacional. Baile de máscara como todos os outros feito de ruídos e aturdimentos, de esplendor e cansaço. E dirigiam-se para lá, por entre um brau-ha-ha ensurdecedor, contrafeitos e mudos.

Carlos previa ser a sua última festa de loucura e ostentação, e desejava-a despreocupada e feliz para estudá-la melhor.

E, como, o auto dobrasse uma viela escura e triste, ela o surpreendeu com esta observação:

- Carlos, não imaginas como eu amo os pobres becos de miséria!

Ele replicou mordaz:

Naturalmente te enganas: queres dizer que o amas pelo contraste: fazem-te lembrar que és feliz em habitar uma avenida asfaltada e rica.

Marita penou com pesar que seu marido não a podia compreender e a julgava mal.

E só então notou que enorme separação moral havia entre eles habitavam juntos, mas permaneciam desconhecidos.

E magoada pela ironia que presentira na voz mais que nas palavras, fitou-o demoradamente procurando ler através daquela fronte contraída; via-lhe a beleza física, os seus olhos cor de bronze, nublados sempre e alheia dos dela... A boca de recorte severo e linhas puras que desejara sempre amável; mas não lhe pode ver a alma!... Ou por outra não lhe a quis ver!...

E estremeceu ao constatar que se enganara por controlá-lo diferente do que desejara que ele fosse. Lembrou-se que uma vez, impelida pela curiosidade, espiara por uma pequena abertura do telhado de sua casa. Dava ela para um pátio de pardieiros infectos e com trapos encardidos a enxugar.

Ao canto da cerca da farripas um pau d'arco de galhos retorcidos numa imprecação ou num ancio.

Recuou atônita, horrorizada de que tanta pobreza se aninhasse junto de sua casa, apenas dissimulada por um muro revestido de trepadeiras.

Pesou bem o esforço obstinado que aquele rebanho humano punha em viver. Imaginou-o nos seus casebres sem conforto, sem higiene, esfomeado; e achou que a

vida é às vezes bem madrasta!

E como era justa, doeu-lhe a diferença: sua casa e aquela rua.

Numa, tanta ordem, tanto luxo, sem que nenhum esforço lhe tivesse custado.

Noutra, a fome, as lanças, a preocupação constante da falta de dinheiro: o trabalho que extenua e que não rende.

E sentiu-se diminuída e inútil.

Não podia, embora o quisesse, afastar seus olhos da árvore de braços hirtos, numa súplica ou numa dor!

- Pau d'arco solitário de canto de rua pobre: mudo, imóvel, que estranho eras! Contavas em tuas contorções, aos que passavam a miséria daquele bando de párias esfarrapados e tristes! Dizia-lhes a dor ignorada, dor sem gritos.

Árvore – símbolo de galhos distendidos numa agonia muda, em gestos de revolta e desvario; ramos que se estorcem num anseio para um céu impiedoso e azul!

Era a impotência do forte revelada na angústia das contorções da planta solitária.

Galhos retorcidos símbolos humanos são!...

Que estaria ela contando na sua angústia? Que, ali, as crianças, muitas vezes, adormeciam cansadas de chorar por um pedaço de pão? Que pelo inverno, quando o vento açoita e a água faz cantar o zinco das coberturas, como se fossem pedrinhas sacudidas daqueles montes de farrapos, saem gemidos e tiritar de queixos?

Que por aquela porta meio cerrada passou um dia um caixão pequenino e leve como um brinquedo, levando a criança que sua mãezinha chamava << a menina dos meus olhos?! >> - a pobre mãe que em lágrimas, num desespero, pedia que Deus também a levasse?

Teriam sido aquelas cenas que a fizeram triste assim, retorcida e esquelética, num implorar inútil?

Ah! Rua humilde em que árvores-símbolos crescem!...

Rua tão triste que a menor das alegrias deste mundo passava ao largo como se a temesse no seu silêncio. Era que a pobre mãe ainda morava na mesma casa de porta semi-cerrada; e temiam que a alegria de um canto fosse acordar aquela dor.

Marita, arrancara-se dali como uma alma diferente e maior; presentira naquele viver as abnegações dolorosas, as renúncias voluntárias que põem vincos nas faces; seres humanos imolados à voracidade dos que estão mais alto, dos que tudo podem; o martírio obscuro de homens, mulheres e crianças, mal dormidos e esfomeados pela miséria de muitos anos.

Abriram-se seus olhos a um mundo novo, esfarrapado e superior, que lhe fora por tanto tempo vedado. A lição de uma hora que lhe dera a vida, por uma fresta de telhado rasgando-lhe um cenário de dores desconhecidas lhe iria servir muito mais do que passeios de avenidas ensolaradas e bares enervantes. O trabalho e o sofrimento do povo humilde e bom não mais lhe ficaria ignorado.

E, ao rolar, silencioso do auto, lembrara-se, sem saber porque, daquela rua de miséria e de ensinamentos profundos em seus contrastes.

Como fora possível que tivesse permanecido indiferente, como não adivinhara nunca que mágoas ignoradas para ela aninhavam-se ali, pertinho, sem que o seu coração sensível percebesse? E quedou-se a pensar que analogia poderia existir entre a viela escura e a avenida iluminada! Ah! Bem o sabia agora: estava ao lado do seu marido, mas não no seu coração. Carlos fora a sua rua de miséria que ela não soubera descobrir...

Edição: Ano II. Nº XXIX – Segunda quinzena de março de 1929

Coração adormecido

DORINA

III

- Marita!! Marita-a-a!!

E a voz quebrou, forte, o silêncio dos campos.

Dezembro. Uma quebreira e um amolecimento por tudo. E por sobre aquele letargo aparente, um redobrar de energias, um vigor novo vindo do calor do sol e das entranhas da terra.

Sol de verão criador e luminoso. Sol que amadurece os frutos e faz mais alto o chiar estridente das cigarras!

Sol que tudo doira-águas dormentes e putrefação de charcos.

Na campina, a ventania inclinava, numa reverência antiga, o capinzal verde dos pântanos. Uma respiração morna, vinda do seio da terra, fazia rescender, forte, os brotos novos das plantas.

E a voz mais alta:

- Marita! Marita!...

Ela veio, ligeira e branca, no espanto.

E Carlos, deixando-se cair numa cadeira, apertava nos seus dedos contraídos a carta em que o destituíam da direção da usina.

- Agora era bem verdade... Tudo acabado! Tudo perdido. Sua mulher e seu lar...

No rosto enérgico lia-se uma dor tão profunda que Marita estacou atônita.

Depois, sem uma palavra, sem um gesto inclinou-se sobre aquela magoa que se revelava intensa.

Tomou-lhe o rosto entre as mãos, olhou-o bem os olhos: estavam nublados, incertos, desesperados.

- Mas, Carlos, porque tudo isto? Não és rico? Esperaremos com paciência. Poderemos manter-nos por muito tempo ainda, sem que sintamos mutações em nossa vida. Porque te deixas dominar por uma tola impressão? Temos a nossa casa, o nosso carro, o nosso dinheiro...

- Não acabes!... Nada disto é nosso. Tudo alugado. Não quero mais deixar-te ilusões. Fora dos meus ordenados, nada mais possuo. E agora nem estes. Quero falar-te uma última vez. Sei que te perco e para sempre, mas sinto que devo fazê-lo embora depois me afastes de teu coração e de tua vida. Trazia-te enganada, é certo, mas era o medo de ver fugires de mim e da minha pobreza. Mentia-te, mas era pelo teu amor. Queria que conservasses sempre um pouco do carinho pelo homem que eu era e não

pela roupa que eu vestia, mas a tua inclinação pelos prazeres, pelas futilidades, faziam-me temer o momento – este momento em que saberias tudo! E agora que nenhum subterfúgio seria cabível, vê-me, pois, como eu sou: querendo-te com toda a alma, mas disposto a não praticar a menor falta, para que continues minha. Iras para a casa de teus tios; eu voltarei para a Inglaterra.

Parou um momento e prosseguiu:

- Quando ainda possuía a minha casa e ainda te possuía, o velho reitor da Universidade em que seguia o meu curso, escrevera-me pedindo para que eu tomasse conta de uma propriedade sua, fora de Londres. Foi certamente o desejo de rever-me que o fez lembrar-se disso. Como poderia eu imaginar que este oferecimento seria hoje um destino e uma redenção!

Ela escutou-o imóvel, sem uma palavra, sem um gesto. Mas lera-lhe tanto desespero no rosto, que os seus olhos rasaram-se de lágrimas.

- Não continues, peço-te. Poupa-me! Não o mereço. Alguma vez, em nossa vida de casados, fizeste alguma coisa para que eu fosse mais que um enfeite na tua casa, um bibelot ou um quadro! Procuras-te despertar, não o meu gosto pelo luxo, pela ostentação, mas o meu coração que dormia, o meu coração que eu sentia superior e melhor? Procuras-te, por acaso, ver que se eu não teria outros desejos, outras aspirações? Indagaste, por ventura, um dia, se eu aceitaria um mundo, não melhor, mas diferente? Eu sofria e calava. Não eras, como tantos outros, a achar que, porque me uni a ti, deveria abolir o meu *eu*, ficando, daí por diante, uma escrava igual às outras, para as quais a diferença unicamente consiste na seda ou na chita que as cobre?

E com um amargo tom de censura na voz:

- Enfim, quiseste que eu fosse um ornamento para a tua casa, e agora queixas-te como se eu não fosse a única iludida. Não! Não te enganei! Esperava este momento. O egoísmo de que me acusas só existia em tua imaginação: era reflexo do teu. Vivíamos cercados de conforto e luxo e nunca tentaste saber se a mim era o bastante, se a mim nada mais faltava...

Quis-te rico, é verdade, Carlos; mas, só depois que te quis, soube que o eras.

E como ele erguesse a cabeça, Marita viu que ele se comovia.

E então uma piedade imensa a invadiu. Tomou-lhe entre as mãos o seu rosto

contraído.

Carlos leu-lhe na alma; viu claro no seu coração. Sentiu que ela o amava. Aquela aquiescência imediata ao seu pedido, quando o soube rico, inspirara-se em um senso prático da vida, jamais em um interesse material e grosseiro. Sabendo-o bom, alegrava-a que fosse independente.

Só, então, Carlos a compreendeu e a avaliou bem.

Achava-a diferente agora, ao certifica-se de que ela o queria. E quando uma mulher ama pelo amor, sem mais nada, não por conveniência ou um interesse qualquer, ama, simplesmente, todos os sacrifícios juntos são leves sacrifícios.

*

* *

Passaram-se meses.

Eles lá estão em um país que não é o seu. Um é para outro a terra que não voltarão a ver. Reconhecem que, no tempo em que os seus corações permaneceram ignorados, eram mais tristes e mais sós, mais isolados mesmo no esplendor de uma riqueza fugaz, em um lar bem menos quente do que aquele cantinho afastado, feito de barro e ternura.

Carlos era feliz.

Marita amou-o bem, amou-o, simplesmente, sem mais nada. Nunca mais recordou que já possuiria uma vez um villino a beira mar, perfumes orientais e um auto de luxo.

Mas, em compensação, via-lhe agora os olhos. Admirava-se de ter passado tanto tempo ao seu lado e não ter nunca reparado neles. Estavam sempre enevoados de sonho e nostalgia. Eram de um idealismo romanesco, doloroso na sua mudez, e, apesar disto, dizendo tanta coisa!

E hoje, se a gente olha muito, muito dentro dos olhos de Marita, vê neles reflexos de uns olhos bronzeados...

Para os dois a vida só agora começou.

Foi preciso que sofressem e lutassem para que despertasse neles a consciência de suas vidas truncadas e inúteis – A alma desconhecida que eles ignoravam – alma de

dedicação e afeto.

Para Carlos não era ficção o velho estribilho; só agora lhe fora revelado, mas existia. Era como uma estrada real, larga e lisa, sem ondulações e sem limites, feita de amor sem desejos, todo de sacrifícios, de carinhos, de renúncias.

Cantava em seu coração o velho adágio: um badalar de sino em noite de Natal em velha igreja da roça – um esplendor, um deslumbramento vindo daquela frase outrora tão vazia: “O teu amor é uma cabana”...

E vendo-a inclinada a cozer um abajur de cassa, lembrou-se da casa que já fora sua. De tanto fausto, que restava hoje? Um avental, uma agulha diligente e um abajur rosa que irá depois iluminar outra sala e outro destino...

FIM

Edição: Ano II. Nº XXXV

O ritmo da dor

Há, no admirável livro de Blasco Ibanez – LUNA BENAMOR – Um episódio que nos comove e faz sorrir:

<< Quando nasci, puseram-me o nome de Bôahora, conta Luna a seu noivo – e uma irmã que tive, mais nova do que eu, recebeu o nome de Assimboa. Depois de uma época de sobressaltos e de uma invasão de Marroquinos, em que nos queimaram a casa e julgamos que morríamos, eu e minha irmã caímos doentes com febres. Assimboa morreu e eu consegui salvar-me>>.

E continua por muito tempo descrevendo a dor da sua pobre mãe, as angústias sofridas na casa que se enchia de gritos e lamentos ante a cama da que ia morrer. E a exuberância de linguagem de que são dotados os orientais, reboava e enchia o recinto, aumentando o horror que lhe vinham da luta e da morte. É um fraseado tão colorido que se nos afigura teatral e falso, a nós, ocidentais, tão pobres de expressões amáveis:

“Ai, minha filha! Minha Bôahora delicada, diamante fino, ninho de consolação; já não comerás mais a boa galinha; já não calçarás aos sábados os lindos escarpins, e tua mãe já não rirá de orgulho por ti achar o rabino tão bonito e galante...

E o coração materno pressentia, na sombra, o odiado Esquife (o Demônio). Era preciso que este fosse enganado; que Bôahora não fosse arrebatada por ele e conduzida para as trevas eternas.

E descrevia a Luiz Aguirre, que a ouvia espantado, a trama de embustes, os ardis que se improvisavam entre sua mãe o Gênio do Mal que a viera buscar. Ao rapaz causava assombro a credulidade daquela gente e não procurava dissuadi-la porque reconhecia inútil o seu esforço.

E a voz de mel continuava a relatar-lhe o engodo a que recorria a filha de Aboab para afugentar o inimigo invisível:

“Tinha de lutar com o Malino, enganar o *Esquife*, ao mesmo tempo feroz e torpe, como muitas vezes o haviam enganado as suas avós.

Reprimia as lágrimas e suspiros, amaciava a voz e, estendendo-se no solo, falava serenamente, com suave acento, como se estivesse recebendo uma visita de importância...

- Esquife, o que vens fazer? Vens em busca de Bôahora? Bôahora não está aqui; foi-se para sempre. Quem aqui está é... Luna. Lunita, a bela Lunita delicada. Vai-te embora, Esquife, vai-te embora! Não está aqui essa a quem tu procuras...

Sossegava por algum tempo; mas, de súbito, o medo fazia-a falar novamente com o importuno e tenebroso hóspede. Sim, já ali está outra vez! Ela sentia-lhe a presença.

- Esquife, já te disse que te enganas!

Bôahora foi-se embora. Procura-a noutra parte. Aqui só está Luna, Lunita pálida, Lunita, a preciosa.

E tamanha foi a sua insistência que, ao cabo, terminou por enganar o Esquife, com a sua voz suplicante e humilde. E para tornar certo o engano, no dia seguinte, numa festa da sinagoga, se trocou o nome de Bôahora pelo de Luna.”

*

* *

Ó mães de todas as raças, de todas as épocas, de todas as civilizações; das terras mais distantes, ou mais exóticas; Dentro de todas nós há uma filha de Aboab!

Nas horas tranquilas, livres de apreensões, lemos com risonha ironia tanta credulidade. Mas, ao presentirmos o odiado Esquife, achamo-nos bem iguais e bem crédulas. As nossas promessas, engodos par com os santos, não diferem dos daquela mãe com o Malino. O temor e a esperança apoderam-se de nós. E entre esse temor e essa esperança nada mais somos do que títeres manejáveis, sofredores. E se temos a ilusão da nossa força, a segurança das nossas ideias, dos nossos atos, basta o choro, o gemido de uma criança de três palmos de tamanho para que tudo se desfaça, para que tudo se esborõe.

*

* *

Minha filhinha adoeceu. - Um acesso violento de febre prostou-a no leito. Na véspera eu havia lido LUNA BENAMOR, e rira da santa credulidade da mãe de Lunita, a preciosa. Um riso comovido, porque avaleiei bem quanto anseio, quanta inquietude ia naquele coração que a dor devastara. Que! Era lá possível acreditar-se que o Demônio viesse buscar o que estavam prestes a morrer?!... e ainda se poderia enganá-lo por uma simples troca de nomes? E medi o atraso, a ignorância desses povos bárbaros que se deixam levar pro tanta infantilidade...

Mas caiu gravemente doente minha filha; meu pai, médico, ausente; impossibilidade, no momento, de encontrar outro médico. E então compreendi todo o alcance, quanto de humano havia naquele “duelo” entre um coração de mãe e um inimigo temível...

E compreendi ainda melhor esta verdade eterna: quer estremeça sob gases e veludos, quer palpite sobre o invólucro de nankin, entre palmeiras do Nilo, ou lateje sob kimonos onde íbis brancas repousam em lagos tranquilos, e musumés bebem saké em porcelanas de Kobe, todo coração de mãe tem o mesmo ritmo, vibra no mesmo anseio, enflora-o a mesma esperança, canta, ri e chora a mesmas lágrimas.

DORINA.

Edição: Ano II. Nº LXII

À margem da vida

Rio 1924

Os últimos assassinatos ocorridos nesta capital devem pesar na consciência dos legisladores como crimes: Duas mulheres tombaram sem vida e três outras feridas gravemente.

Não foram revolveres vingativos ou punhais acerados que os abateu: foram as leis brasileiras. Foram decretos que armaram braços de maridos cruéis. Se tivéssemos o divórcio, estas infelizes não teriam sucumbido. E eles também se tornaram assassinos, porque, a não ser assim, estariam ainda presos a cadeias que lhes pareciam de ferro.

Eu pressinto um meio riso na face daqueles que leem estas divagações. Não, eu não preciso de divórcio!

Não que me prendam à casa o casamento se viu ou religioso! Não que me prendam nela preconceitos de espécie alguma!

É algo e muito mais poderoso, de muito mais solido de que simples rituais. É o dever. Fossem quais fossem os motivos que me fizessem desejar mutações de vida, eu os desdenharia. Sou feliz em meu lar. Mas isto não constitui razão suficiente para que me desinteresse da sorte das outras que o não o são.

Contam-se por centenas os crimes passionais. Mas se ao homem desprezado fosse dado separar-se inteiramente de sua mulher, ele não preferiria à sua liberdade dez ou vinte anos de cadeia!

O divórcio como nós temos, é uma farsa cruel. Cada um dos cônjuges deve ter o

direito de renovar seu viver.

O casamento brasileiro é o único ato sério da vida do qual não se pode fazer experiência.

Os legisladores chineses denotaram, aos escreverem seus códigos, maior dose de generosidade e conhecimento humano. Se durante um certo número de meses o casal se dá bem, renova o seu contrato. Se foram infelizes, não o serão para sempre.

Quem, antes do casamento, disse ao noivo ou à noiva: << Depois de casado farei isto ou aquilo que não desejas... >>

Todos sabem que durante o noivado, *eles e elas* são verdadeiros anjos de bondade. Mas depois, vem a realidade, vem a vida, e bem poucos se conformam ou se resignam com a amarga desilusão. E muitos procuram fugir de um lar ao qual moralmente continuam presos. E muitos, mais infelizes, trocam o vazio de uma casa sem afetos pela fria laje de uma célula, talvez menos fria do que o ambiente de seu ninho desfeito.

Estas linhas, escritas *à vol d'oiseaux*, não tem a pretensão de quererem mudar convicções.

Os que pensam de modo contrário, continuarão a fazê-lo, tendo arraigado na consciência a certeza que a razão está consigo. Mas se pudessem ver, (como nos laboratórios precisam os Raios X os pontos atingidos de um pulmão) se fosse dado, à alguém contrário a separação definitiva, examinar de perto e a olhos nus o que de doloroso existe nesta tortura em todos instantes, se fosse dado a alguém palp* o sofrimento, far-se-ia em sua consciência um raio de luz.

Eles sabem que o casamento brasileiro prende a casa até a morte mulheres sofredoras. Mas de que valem moralmente os elos dessa cadeia? Não será sempre melhor ter preso-a pelo afeto uma mulher do que te-la preso por conveniência sociais? Não é mesmo esta prisão matrimonial imposta às pessoas, um caminho para o desvario? Senão, vejamos: Na França uma senhora divorciada será sempre uma senhora; o mesmo respeito a cercará. Poderá casar ou poderá deixar de o fazer; mas para ela continuará morto o marido que a abandonou. No Brasil uma senhora separada do marido, ficará à margem da vida! Não poderá tornar a casar, família nenhuma terá de bom grado relações com ela; não poderá viver inteiramente por si porque bem sabemos como é mal

remunerado o trabalho feminino. Muitas vezes não partiu dela motivos para o divórcio; mas é sobre ela que doravante pesará como maldição a lei que nos rege.

Os jornais noticiam um fato que demonstra claramente o que de pungente existe nesta farsa.

Um homem, (não quero citar nomes) abandonou durante três anos a mulher que *Deus que lhe deu*. Para a infeliz, os primeiros tempos de separação não foi mais do que um longo martírio. Nunca o homem que a deixou, procurou indagar se foi custosa a íngreme ascensão. Nunca procurou saber de quanta humilhação foi feito o pão que a alimentara. E esta mulher, a mais honesta de todas as mulheres, pois que a fo* a impelia, para não sucumbir na vida, ligou-se à outro homem. Se este ato era de boa vontade, se representava um sacrifício, nunca transpareceu em seus olhos que as lágrimas cansara.

Passam-se três anos. Esta mulher ligada à outro homem pela necessidade e a quem tirar-se todos os direitos, seria natural que ficasse esquecida no lar que a acolhera. Mas, não! v* o marido, convence-a de que deve voltar, que está mudado, que uma vida nova ressurgirá para eles.

(E, com a volta dela para sua casa lhe demonstrado cabalmente a pureza de suas tensões; se fosse uma leviana, continuaria no lar que não era o seu). Talvez mesmo um novo amor, feito de gratidão, tivesse brotado em alma pelo homem que a acolhera.

Mas assim que me mostraram a porta de ferro, pois que é a do dever, ela, na certeza absoluta do que aconteceria, (cartas dirigidas a sua mãe diz-nos do pavor de que estava possuída ante o assassinato frio), não trepidou no momento. Segui-o para tombar depois ensanguentada e fria.

Mas que razões teriam posto na mão deste marido a arma vingadora? O amor? O ciúme? Não! Nenhum e nem outro. Ele a matou para casar com outra.

Pobre mulher sacrificada! Quem te abateu não foi um marido sanguinário, sedento de vingança! Tu, pobre infeliz, nada fizeste! O que te abateu, foi a cadeia de bronze que te ligava à ele e que te ligaram à ti: o casamento indissolúvel. Se não fosse isto, ele não se lembraria mais que respiravas sobre a terra: unir-se-ia calmamente àquela que escolhera seu coração agora. Mas vivias... e o homem que te recebeu, toda vestidinha de branco numa manhã de sábado, enxotou-te barbaramente da vida noutra

manhã de sol!

Considerem àqueles que manipulam as leis que regem os destinos das mães brasileiras. Pensam eles que o divórcio, como deve ser realmente, trará à todas as mulheres desejos de liberdade. Mas se este desejo já existe em seus corações, de que valem cadeias? Pensem os srs. Legisladores nos destinos das mulheres brasileiras que leis iníquas arrojaram pela crueldade de seus editos, em escravas ou adúlteras.

DORINA

* Não conseguimos identificar a palavra, pois estava incompleta devido a página rasgada.

O preço das guerras

<< Milagre em Milão.

Milão, 8 (FP) - << Sim, eu estou vendo! Meu Deus, eu vejo!>>

Essa exclamação infantil encheu de lágrimas muitos olhos quando foi, ontem, lançada na Clínica Oftalmológica desta cidade, pelo menino Sílvio Colagrande, no momento em que vislumbrou, novamente a luz, através da córnea que lhe fora doada como última dádiva do padre Carlos Gnocchi. Fôra operado pelo Professor Cesar Gleazzi, que o interrogara.

- << Estás vendo?>>

- <<Sim, eu estou vendo! Estou vendo! Meu Deus, eu vejo!>>

- <<Bem. Olha a minha mão. Quando dedos vês?>> E o professor fechou dois dedos na palma da mão.

- << Vejo três dedos.>>

Foi repetida a experiência: dois dedos, cinco, quatro dedos.

- <<Bom resultado>>, disse o professor. Amanhã nos ocuparemos de Amabile>>.

Amabile Battistello é a jovem de 17 anos que está no mesmo quarto e que soluçava de alegria e de esperança ao ouvir a feliz nova sobre o seu pequeno companheiro.>>

Mas o choro de Amabile comoveu Nossa Senhora...

Isto foi no dia 7.

No dia 8 chega-nos de Roma outro comunicado.

<<Amabile recuperou a vista>>.

Toma, 8 (AFP) – Recuperou a vista a senhorita Amabile Bastitello recentemente submetida a uma operação d enxerto da córnea de um dos olhos do padre Gnocchi. O professor Cesare Galeazzi, autor dessa operação verificou hoje de manhã, em Milão que essa moça de 17 anos de idade estava enxergando, o que já acontecera ontem com o menino Sílvio Colagrande.>>

Profundamente emocionada, mas não desejando ficar em evidência dirijo-me ao caro amigo Alcantara Nogueira e peço-lhe que se faça interprete do meu desejo <<fosse ele, Nogueira, o líder de uma campanha para que viesse até nós o professor Cesare Galeazzi>>.

Nogueira, num gesto muito seu, disse-me pelo telefone - <<que deixa-se por sua conta... Que levaria adiante o meu pedido; e que se nomeava a si mesmo, meu cabo eleitoral nesta campanha...>>

Quem não acreditaria na vitória?

<< Li hoje, Sr. Redator, que duas criaturinhas tão jovens, quase crianças, tiveram a imensa a alegria de reverem seus pais; seus companheiros; os rios, as árvores; a noite e o dia que nos acompanham e não ligamos.

E escreve-lhe sob a profunda emoção que faz triste este sábado ensolarado em que me dirijo ao vosso jornal.

É possível, Sr. Redator tendo um cientista (quase um Deus) a imensa felicidade de dar vista aos cegos, criaturas, tendo da vida apenas a eterna noite sem manhã, continuem na escuridão.

Não poderia vosso jornal iniciar uma campanha que nos traga, não só ao Rio, mas a todo o País (quisesse Deus a todo o Universo) este cientista, para que possa realizar entre nós o Divino Milagre?>>

É inútil que nossos cientistas que nada têm a prender com sábios estrangeiros. Mas negamos-lhe tudo! E a provar estas considerações, temos o caso desta moça que veio da África para melindrosa operação pelo professor Moura Brasil, sem a menor repercussão entre nós. Mas, infelizmente, **foi um milagre no Brasil**. E estaria, de antemão, votado no esquecimento como tantos outros.

A iniciativa do vosso jornal teria a ressaltá-la o humanitário relevo. O exemplo de tantas outras alcançadas teria dos seus leitores compreensão e solidariedade.

Quero também dizer-vos, Sr. Redator, que no momento em que ouvi, pelo rádio, ter o garoto italiano agradecido a Nossa Senhora a luz que iluminava a sala do Hospital, imediatamente por telefone, comuniquei-me com amigos meus e de meu marido. E comoveu-me a extrema solidariedade a esta campanha.

Quanto aos olhos, para substituição da córnea, não seria isto um problema, como não o para os estudantes de medicina de todas as Escolas. E quem sabe? Morrem no Rio centenas de criaturas que desaparecem por extrema pobreza na vala comum.

Muitos são malandros desordeiros; assassinos, muitas vezes...Quem sabe se não teriam suas almas o perdão de Deus para as suas existências de crimes se seus olhos mortos a outros olhos mortos dessem vida?

E terminando, sinto-me feliz em oferecer aos meus (ao chegar a hora extrema) para que no rosto de alguém continuem a viver...>>

Este **apelo** o enviei em 9 de março, de 56, um dia após o **Milagre** de Milão. E mais uma vez Amabile, Sílvio e o **Anjo das crianças**.

Neste <<CONVITE AOS HOMENS QUE QUEREM A GUERRA>>, impressionante reportagem de Edmar Morel, em <<Panfleto>>, fez-me temer fosse o Brasil palco da trágica e inútil crueldade a fletir-se m crianças... Dela, darei trechos, (sem os ter pedido ao nosso amigo) mas agradecida a uma colaboração que palavras não saberiam expressar.

<<Conheçam as vinte mil crianças romanas inutilizadas.

A guerra deixou horríveis cicatrizes na Itália. Encontrei 20.000 crianças que

ficariam horrivelmente mutiladas pelos nazistas e aliados. Milhares estão cegas, enquanto outras não têm braços, nem pernas. A grande maioria é gente pobre, sobretudo filhos de camponeses. Milhares e milhares são órfãos de pai e mãe e passaram a constituir bandos de pequenos assaltantes.

Na Primavera de 1947, porém, surgiu o padre Carlos Gnocchi, quando acolheu sem braços e sem pernas, um cotoco de gente.

Depois, com a colaboração do povo o padre Gnocchi fundou, em Milão, a <<Casa do pequeno mutilado de guerra>>. Quarenta e oito depois ali chegaram 70 jovens aleijados e cegos uns trazidos em caminhões outros empurrados em carrinhos de mão. Acontece que o padre Gnocchi não tinha dinheiro e pois as mãos na cabeça: <<Como sustentar tanta gente inativa?>>

Continua Morel a dizer-nos o que a emocionante luta para que a 20.000 pequenos mutilados romanos voltasse o desejo de recuperação; a esperança de uma vida normal, agitada e diferente; e que múmias, inúteis e castigados, não continuassem a viver...

Surge, porém, **L'Angelo dei Bimbi:**

<<Um dia, Don Gnocchi, num jornal contou que estava na iminência de fechar a <<Casa do Pequeno Mutilado>>, por falta de recursos.

Ai os aviadores civis Lualdi e Bonzi ofereceram os seus serviços e um aparelho para o voo de boa vontade Roma – Buenos Aires, no sentido de ser levantada uma campanha financeira em favor dos bambinos deformados. Eis o avião. <<L'Angelo Dei Bimbi>>, nos céus do Brasil, e o padre Gnocchi, alto magro e um tanto nervoso, numa atividade de gigante, ora no Rio, ora em São Paulo, ora no Rio Grande do Sul.

- Hoje, graças a Deus, existem dez casas em toda a Itália, inclusive em Roma, Turim, Parma, Florença, Genova, Salerno, Pessano, Erba, Inverigo, enquanto a direção central do movimento funciona em Milão. Cada uma tem uma especialidade. A de Roma, por exemplo, abriga os 200 grandes mutilados, crianças sem braços e pernas, cegas, etc. Lá estão os que aprenderam a ler uma língua deslizando sobre o alfabeto Braille, com os admiráveis meninos Luige Benzine e Marcello Pieri, os quais já ensinam aos seus 12 companheiros de infortúnio>>.

Termina, emocionante, Morl: <<Gostaria que todos os homens que almejam a

guerra a qualquer preço, visitassem as casa dos pequenos mutilados italianos e vissem, em cada um daqueles destroços humanos o seu próprio filho>>.

Mas não seriam só crianças. Homens também tinham direito à vida. <<Impressionante foi a marcha sombria sobre Roma, realizada por cerca de 500 cegos de guerra, os quais, à mingua de recursos, empreenderam a triste passeata para pleitear do Governo melhores pensões>> - informa um despacho da <<United Press>>.

E esta generosa oferta de um alemão residente na Argentina?

<<Buenos Aires, 16 (UP) – Alfred Dessaner, um alemão de 41 anos de idade, que vive há 27 anos na Argentina, ofereceu a córnea de um de seus olhos para salvar a vida da princesa Maria Cristina, a filha mais moça da rainha Juliana, da Holanda.

Dessaner declarou que desta forma procura fazer um ato de contrição pela ocupação da Holanda pela Alemanha, durante a Segunda Guerra Mundial>>.

Isto faz-nos cada vez mais crer e esperar da fraternidade humana. E sem desejar guerras, sabendo, porém, nesta, mesma tarde, fora meu País, entregue a outro País; fechando os olhos, de olhos cerrados vi, com extrema fidelidade vi,!

4. Referências Bibliográficas:

1. ARON, Raymond. **As etapas do pensamento sociológico**. São Paulo: Martins Editora.
2. BARBOSA, Edmilson. **Joaquim Pimenta**. Fortaleza: Edições: Demócrito Rocha, 2004.
3. BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. **Dicionário de Política** – Vol. 2. 12.ed., Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2004.
4. CAPELATO, Maria Helena Rolim. **A imprensa na história do Brasil**. São Paulo: Contexto/EDUSP, 1988.
5. CASTRO, Thales. **Teoria das Relações Internacionais**. Brasília: FUNAG, 2012.
6. ENGELS, Friedrich. **A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado**. 9ª ed. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira S.A, 1984.
7. HOBBSBAWN, Eric. **A era das revoluções**. São Paulo: Paz e Terra, 2001.
8. HOBBSBAWN, Eric. **A era do capital**. São Paulo: Paz e Terra, 2001.
9. MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **O Manifesto Comunista**. Tradução Maria Lucia Camo. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998 – Coleção Leitura.
10. MOTA, Aroldo. **História Política de Tauá**. Fortaleza: ABC Editora, 2002.
11. NOGUEIRA, João Pontes; MESSARI, Nizar. **Teoria das Relações Internacionais: Correntes e Debates**. 7.ed., Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.
12. PIPES, Richard. **O Comunismo**. Rio de Janeiro: Objetiva LTDA. 2002. 205 p.
13. SALDANHA, Eduardo. **Teoria das Relações Internacionais**. 2. ed.. Curitiba: Juruá, 2011
14. SODRÉ, Nelson Werneck. **História da Imprensa no Brasil**. 4.ed., Rio de Janeiro: Mauad, 1999.